

CARCINICULTURA FAMILIAR E COOPERATIVAS DE PEQUENOS PRODUTORES – PARTE DO FUTURO DO NOSSO SETOR?

Itamar de Paiva Rocha (ipr1150@gmail.com)
Enox de Paiva Maia (enoxmaia@hotmail.com)
Josemar Rodrigues (www.josemarfr@ig.com.br)

Apesar das dificuldades de diversas naturezas vivenciadas pelo setor de carcinicultura nos últimos anos, o seu real potencial sócio-econômico permanece. Após um longo período de grandes dificuldades, a estrutura de produção existente está totalmente recuperada, em grande parte, devido à força do mercado interno. Apesar desta conquista, não resta a menor dúvida de que, a alternativa de maior viabilidade, para o fortalecimento da cadeia produtiva e para o aumento da produção de camarão cultivado no Brasil, demanda a criação e a operacionalização de estruturas de produção integradas. Neste contexto, os condomínios familiares e ou, cooperativas de micro e pequenos produtores, sempre associados às empresas âncora ou de suporte, se constituem o meio mais apropriado e importante, especialmente por viabilizarem de modo mais racional, a operacionalização das unidades de apoio tecnológico e logístico (maturação/larviculturas, fábricas de ração, processadoras, etc), dos quais, muitos operam com capacidade ociosa.

Os pólos de carcinicultura familiar se apresentam como a forma mais adequada, de interação entre a atividade empresarial e suas comunidades de entorno, especialmente pelas grandes facilidades de transferência de toda a tecnologia gerada e aplicada no país, além da grande disponibilidade de recursos naturais infraestruturais. Por outro lado, contribuirão decisivamente, para o desenvolvimento do meio rural litorâneo, tanto pelo aumento da oferta da oportunidade de negócios rentáveis, como da geração de trabalho com dignidade, para trabalhadores rurais, comunidades costeiras e, especialmente, para os pescadores artesanais, marginalizados ou dependentes do seguro desemprego e de outras benesses paliativas governamentais.

A carcinicultura familiar, desenvolvida em sistema integrado com “empresas âncora”, detentoras de tecnologias e espaço mercadológico, já é um modelo bem sucedido na Ásia e, sem dúvida, também o será no Brasil. Esta certeza está alicerçada nos seguintes fundamentos:

Primeiro: por se tratar de uma atividade já consolidada e, por conseguinte, portadora de um adequado acervo tecnológico, as empresas âncora permitirão pela integração, a racionalização dos custos de produção em todos os elos de sua cadeia, possibilitando, certamente, a reaquisição da competitividade brasileira no mercado internacional, ora dominada pelos países asiáticos, cuja produção é ainda, infelizmente, baseada na informalidade.

Segundo: o sistema de integração, fundamentado num programa de assistência técnica de alto nível e na disponibilização de insumos e matérias primas de primeira qualidade, possibilitará à família ou produtor integrado, a inserção no contexto da produção inócua e sustentável, em acordo com as demandas internacionais. Estas, por sua vez, se fundamentam nas exigências em sanidade, qualidade, responsabilidade ambiental e compromisso com o social, o que naturalmente, requer do fornecedor, além da adoção de um programa rígido de boas práticas de produção e manejo, a certificação do produto, fundamentada na rastreabilidade em todo o processo produtivo e industrial. Tais condições, em decorrência dos elevados custos, teriam atendimento praticamente impossível, por micro ou pequenos produtores, de forma individualizada.

Sistema de Produção Integrada - Vantagens para o Produtor

O sistema de integração familiar ou de micro e pequenos produtores à empresas âncora, proporciona aos integrados a minimização de riscos tanto na produção propriamente dita, como na comercialização, em decorrência das seguintes facilidades:

- Os insumos e matérias primas são fornecidos pela empresa âncora, reduzindo assim as incertezas, associadas à disponibilidade, qualidade e custos, proporcionando o repasse da economia de escala ao produtor integrado.
- A assistência técnica disponibilizada pela empresa possibilita a transferência de conhecimentos aos integrados, levando-os à estabilidade produtiva e a obtenção de produtos de maior valor comercial.
- As incertezas e os custos de acesso ao mercado são minimizados pela garantia de comercialização, por parte da empresa âncora.
- As dúvidas sobre o preço de venda podem ser reduzidas, uma vez que as fórmulas para obtenção dos preços, ou os próprios preços, podem ser definidos no início de cada ciclo produtivo.
- A estabilidade de renda para o integrado é possibilitada pela minimização dos riscos de produção e comercialização.
- As facilidades de acesso a créditos, tanto para investimento como para custeio que via de regra dependem de garantias reais, se possibilitam pelos suportes contratuais com as empresas âncora.
- Maior estabilidade das receitas e possibilidade de incremento de rentabilidade e, por conseguinte, de competitividade no mercado global.

Sistema de Produção Integrada – Vantagens para a Empresa Âncora

As principais vantagens para as Empresas Âncora são:

- As responsabilidades com mão de obra são divididas e melhor distribuídas, possibilitando a otimização dos processos produtivos.
- Garantia de maior regularidade e volume de matéria prima. A empresa pode programar melhor o seu fluxo operacional, de forma a maximizar a utilização de sua capacidade de processamento e ou, infraestrutura de distribuição e, por conseguinte, reduzir custos, aprimorando seu fluxo de caixa.
- Maior facilidade de garantia de conformidade de seus produtos com as exigências de mercado e a custos mais compatíveis, tanto pela regularidade da oferta como pela padronização dos processos e produtos.
- Redução dos custos fixos e variáveis, em função da economia de escala nas compras; emprego de mão de obra; uso de energia elétrica, estrutura de transporte e na administração do sistema de integração propriamente dito.
- Maior garantia de regularidade na oferta de produtos demandados pelo mercado consumidor.
- Maior estabilidade das receitas e possibilidade de incremento de rentabilidade e, por conseguinte, de competitividade internacional.

O Exemplo da Ásia

Um modelo de sucesso na produção integrada de camarão, adotado por alguns países asiáticos é denominado NESS – Esquema Núcleo Pequeno Produtor (Nucleus Estate Small Holders Scheme). Desenvolvido na Indonésia e Malásia, o modelo NESS tem como base o desenvolvimento de grandes áreas por parte de uma empresa a qual fornece tecnologia, insumos e canais comerciais para pequenos produtores. Uma administração centralizada da tecnologia, qualidade de água e comercialização são fatores que contribuem para o sucesso dos empreendimentos desta natureza.



Figura 01 – Fazendas de Carcinicultura Familiar na Indonésia

O modelo NESS foi introduzido na Indonésia a partir de 1990 e tem contribuído para aumentar a escala econômica e a eficiência da indústria de camarão deste país permitindo competir em melhores condições no mercado internacional. Um exemplo deste modelo de cultivo pode ser encontrado na província de Lampung, localizada na ilha de Sumatra, onde foi implantada uma das maiores, se não a maior, áreas de produção de camarão sob o controle e administração de uma única empresa. Neste local, originalmente o Grupo P.T. Dipasena Citra Darmaja (um novo grupo assumiu o projeto em 2006) construiu 18.000 viveiros em 4.500 ha de uma área total de 16.000 ha. A maior parte dos viveiros tem uma área de 2.500 m² e uma pequena parte tem uma área de 0,5 ha. O núcleo do projeto operado pela empresa âncora consiste do sistema de abastecimento de água incluindo a estação central de bombeamento; laboratórios para a produção de pós-larvas; uma fábrica de ração; unidades de processamento, embalagem e comercialização bem como um grupo permanente de técnicos para proporcionar toda assistência necessária.

O "plasma" do projeto consiste dos viveiros de engorda que foram distribuídos para produtores individuais devidamente qualificados para este projeto. Neste caso, os beneficiários do projeto foram migrantes da ilha de Java, a qual tem uma altíssima densidade populacional, que são incentivados a migrar para as ilhas de baixa densidade populacional sob um programa de incentivos do governo deste país. As famílias migrantes têm direito a transporte até a ilha escolhida, uma área para produção, moradia, e os meios para iniciar a atividade produtiva, tais como animais de trabalho ou equipamentos de cultivo. Em Lampung, as áreas de produção são fazendas de camarão prontas para entrarem em operação. Cada fazenda consiste de dois viveiros de engorda cada um medindo 2,500 m² ou em alguns casos, um único viveiro de 5,000 m². Meio hectare por família significa que quase 10.000 famílias são beneficiadas por uma área de viveiros de 4.500 ha. Com uma média de 4 pessoas por família, a área de cultivo de camarão é uma cidade em si, com escolas, lojas, mesquitas, um hospital e outras amenidades. O projeto tem mais de 1.000 km de

canais de abastecimento e descarga. O canal de descarga é utilizado como um dos principais meios de transporte para pessoas e carga.



Figura 02 – Fazendas de Carcinicultura Familiar na Indonésia

Quanto ao financiamento, a empresa âncora responsável pelo projeto, recebe do banco financiador o valor total do custo de desenvolvimento do projeto mais uma margem de lucro pré-acordada quando da entrega de cada fazenda de 0,5 ha ao pequeno produtor. Cada pequeno produtor, por sua vez, é responsável por pagar ao banco o valor de custo da sua fazenda num determinado período seguindo um cronograma de amortizações pré-determinado. A empresa núcleo fornece pós-larvas, ração e outros insumos, proporciona assistência técnica e compra o camarão produzido para processamento e exportação. Teoricamente, este é um acordo onde ambas as partes só têm a ganhar. O pequeno produtor torna-se proprietário de uma moderna fazenda de camarão com garantias de fornecimento de insumos e um mercado para seu produto. A empresa responsável pelo projeto lucra com o desenvolvimento do projeto e continua a lucrar com o fornecimento de pós-larvas e outros insumos e no processamento de comercialização do camarão.

Conclusão

A implantação de Pólos de Carcinicultura, com módulos familiar de 1,0 (hum) hectare, representa uma excelente alternativa para a redução dos problemas da pesca artesanal no Brasil, uma vez que ao se destinar um lote de 1,0 (hum) hectare para um pescador, o mesmo sairá da atividade artesanal e passará a trabalhar numa outra atividade, porém, inerente à sua experiência de vida, só que administrando o seu próprio negócio e recebendo uma remuneração justa pelo esforço empreendido. Na prática, essa nova atividade proporcionará uma condição de vida com dignidade para os pescadores artesanais e, ao mesmo tempo, reduzirá a pressão e o esforço de pesca artesanal sobre os limitados estoques pesqueiros, reduzindo adicionalmente, os dispêndios com o seguro desemprego, que em 2010, atingiu a astronômica cifra de R\$ 992,4 milhões de reais. Enquanto isso, o Brasil importou US\$ 1,0 bilhão de dólares de pescado, gerando de 400 a 500 mil empregos em dezenas de países.